

GUIA DE PASTORAL DAS PARÓQUIAS COM CARISMA JOSEFINO

Projeto Paróquia Josefina em tempo de mudanças.

Este documento é fruto de estudos e reflexões de toda a família Murialdo da província brasileira, por isso não é um texto fechado, mas colaborativo onde todos estão convidados a participar. O mesmo deve ser lido e discutido para que nosso novo plano de pastoral responda as mudanças do tempo atual.


Marcelino Modelski

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	2
II.	NOSSA IDENTIDADE.....	4
	2.1 O Fundador: São Leonardo Murialdo.....	4
	2.2 A Congregação Josefinos de Murialdo.....	5
	2.3 Nossos Propósitos: Visão e Missão	6
III.	PRESSUPOSTOS NORTEADORES DA VISÃO	7
	3.1 A paróquia no magistério da igreja.....	7
	3.1 Formas desvirtuadas de cristianismo	10
	3.2 Desafios da atualidade	12
	3.3 Outros limites eclesiais	13
IV.	PRESSUPOSTOS NORTEADORES DA MISSÃO: Novos paradigmas pastorais em um tempo de mudanças	16
	4.1 Voltar a Jesus.....	16
	4.2 Uma igreja “em saída”.....	16
	4.3 Uma igreja acolhedora:.....	18
	4.4 Igreja querigmática	19
	4.5 Pastoral mistagógica	20
	4.6 Opção preferencial pelos pobres e igreja solidária.....	22
	4.7 Opção pelas pequenas comunidades	23
	4.8 Uma igreja de processos e não de eventos	23
	4.9 Efetiva opção pelas crianças, adolescentes e jovens	24
V.	UMA PARÓQUIA JOSEFINA: ORIENTAÇÕES PASTORAIS	26
	5.1 Formação	26
	5.2 Plano pastoral	27
	5.3 Unidade e continuidade nas linhas comuns de ação.....	27
	5.4 Sentido evangélico, eclesial e missionário das finanças.....	28
	5.5 Responsabilidade da Província.....	29
VI.	UM PÁROCO JOSEFINO	30
	6.1 Nas diretrizes da província:	30
	6.2 Pelo olhar das Paróquias Josefinas:	31
	6.3 Orientações para a renovação do Ministério dos Presbíteros	32
VII.	LINHAS COMUNS DE AÇÃO – Diretrizes da CNBB 2019-2021 – Brasília 2019 ...	32

GUIA DE PASTORAL DAS PARÓQUIAS COM CARISMA JOSEFINO

PARÓQUIAS JOSEFINAS EM TEMPOS DE MUDANÇA

“Avance para águas mais profundas e lance as redes para a pesca...” (Lc 5, 4) 

I. INTRODUÇÃO

Um número significativo de religiosos da Província brasileira dos Sacerdotes da Congregação de São José (Josefinos de Murialdo) concretiza a sua vocação e missão no âmbito da Pastoral Paroquial. Em diversas dioceses do Brasil, procuram construir o Reino no serviço às comunidades do Povo de Deus entregues aos seus cuidados pastorais. Os desafios da realidade sociocultural, variada e multifacetada, a fidelidade à herança deixada por São Leonardo Murialdo e a especificidade do nosso contributo às Igrejas locais implicam a necessidade de definirmos “critérios orientadores do serviço dos Josefinos nas paróquias a si confiadas” (Orientações do capítulo geral). É esse o objetivo deste Guia Josefino de Pastoral Paroquial MJM.

O Guia Josefino de Pastoral Paroquial MJM, orientação e referência para o serviço dos religiosos Josefinos de Murialdo que desenvolvem o seu ministério pastoral nas paróquias, deverá constituir também uma fonte de inspiração para a elaboração dos programas paroquiais das comunidades confiadas aos cuidados pastorais dos religiosos Josefinos de Murialdo. É um projeto dinâmico que deve ser periodicamente revisto e avaliado, e continuamente aperfeiçoado.

O projeto de Jesus estabelece a justiça do Reino. A humildade e a caridade são nossas virtudes características. Portanto, não nos furtamos à tarefa de uma sincera e profunda revisão de nossa vocação e missão. O compromisso pastoral nasce do discernimento da realidade, uma vez que a finalidade da pastoral é impregnar a história com o mistério do Reino e a transfigurar em Cristo o que está desfigurado por vários sinais de morte. Colocamos o Guia Josefino de Pastoral Paroquial num processo de conversão pastoral e pessoal. Dela depende a missão da Igreja. Fizemos à luz da Palavra de Deus, dos documentos da Igreja e do XXIII Capítulo Geral da Congregação dos Josefinos de Murialdo.

O carisma dos Josefinos de Murialdo impõe a tarefa da centralidade dos jovens e diz: “A educação cristã dos jovens, especialmente pobres, coração da nossa missão, indica o primado, isto, é, o critério de referência e de discernimento de todos os outros aspectos de nossa vida de consagração, espiritual, de comunidade, de escolhas organizativas pastorais” (XXIIICG n 5).

Atentos aos sinais dos tempos buscamos colocar nossas paróquias num processo com novos paradigmas, capazes de atualizar o evangelho e propor, a partir dele, caminhos à renovação da Igreja no serviço à humanidade. Nesse sentido, afirma o Papa Francisco: “às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que *o Evangelho dá respostas às necessidades mais profundas das pessoas*” (EG 265).

Cumprе reconhecer que hoje, em nossas comunidades, as pessoas chegam e saem anônimas, sem se conhecerem, sem compromissos de uns para com os outros, poucos fazem

experiência de Deus e se inserem na vida eclesial. Tomou lugar a preocupação com a gestão financeira e patrimonial ou a manutenção das estruturas. Por isso temos tantos cristãos não evangelizados. Fiel à sua vocação, a Igreja reassume o caminho da conversão que passa pelo retorno inevitável à opção da experiência de pequenas comunidades de relacionamento e evangelização. Retorno ao método das primeiras comunidades cristãs fundadas: “No ensinamento dos Apóstolos (*a paróquia precisa ser casa da Palavra*) - na comunhão fraterna (*a paróquia precisa ser casa da caridade*), - na fração do pão (*a paróquia precisa ser casa do pão*), e na oração”(a paróquia precisa ser lugar de encontro com Deus) (At, 2,42).

A Paróquia nasce como comunidade afinada com o projeto de reino de Deus. No estilo do bom pastor, ela dedica-se a cuidar da vida. A Igreja é especialista em humanidade. As comunidades eclesiais nasceram da ação do Espírito Santo, como testemunhas do Evangelho de Jesus. Tornaram-se lugar de comunhão e de fraternidade. Os cristãos eram uns para os outros, segurança, amparo e refúgio na exigente fidelidade ao Evangelho. Essa experiência cristã mudou uma cultura milenar, como “um pouco de fermento misturado em um pouco de farinha”.

Uma paróquia renovada está estruturada nesses quatro pilares: *Formação inicial e permanente, vida de comunhão, serviço e liturgia*. A paróquia precisa aprender a dedicar-se ao essencial. Ater-se ao que evangeliza. Renovar-se supõe estabelecer prioridades. O documento 100 da CNBB fala de cinco procedimentos básicos para que a paróquia se converta em verdadeira comunidade: *acolhida e vida fraterna - iniciação cristã - leitura orante da Palavra - liturgia e espiritualidade - a caridade*.

Desta forma, à luz do projeto pastoral Josefino e dos diferentes documentos da Igreja definimos nossas Linhas Comuns de Ação e as proposições pastorais.

II. NOSSA IDENTIDADE

*“Sem a fé não se chega a Deus, sem a doçura não se chega ao próximo.”
(Murialdo, escritos IV, p.40)*

2.1 O Fundador: São Leonardo Murialdo

Nasceu em Turim (Itália) no dia 26 de outubro de 1828, onde viveu praticamente toda sua vida e faleceu em 31 de março de 1900. Seu pai chamava-se Leonardo Franchino Murialdo e sua mãe, Tereza Tho. Pertencia à uma família de boas tradições cristãs e econômica e socialmente bem situada.

Após tornar-se órfão de pai, a mãe encaminha Leonardo e seu irmão, Ernesto para o Colégio de Savona, em Gênova, dirigido pelos Padres Escolópios. De volta a Turim, estuda teologia e é ordenado sacerdote em 1851. De imediato põe-se a trabalhar junto aos primeiros oratórios entre os adolescentes pobres e marginalizados das periferias: no oratório do Anjo da Guarda, até 1857 e depois no oratório de São Luis, como diretor, de 1857 a 1865.

Faz um ano de atualização em Paris, na França. Em 1866, é convidado a assumir a direção do Colégio dos Artigianelli, Instituição fundada por Padre Giovanni Cocchi, que atendia adolescentes e jovens órfãos e abandonados. Até o final de sua vida permaneceu ali, como reitor, aprimorando e incrementando a formação cristã e profissional de seus jovens.

Uma série de iniciativas foram coordenadas por ele no sentido de criar uma rede de atenção aos jovens empobrecidos, sejam eles estudantes e trabalhadores. Desta forma, garantia ambiente cristãmente saudável a esta população. Depois de muita oração, incentivo e pesquisa, Murialdo, com forte apoio de Pe. Eugênio Reffo, funda no Artigianelli, a Congregação de São José, no dia 19 de março de 1873.

A presença de Murialdo é ainda significativa no movimento católico do Piemonte. Trabalha pela imprensa católica, é muito ativo no que se refere à Obra dos Congressos, um dos animadores da União Operária Católica.

O fundamento de sua espiritualidade foi a profunda experiência do amor de Deus, feita por ele a partir de uma conturbada adolescência. Refletindo sobre ela, Murialdo deixa como herança a grande verdade que Deus ele nos ama por primeiro, pessoalmente, em cada instante, de modo infinito, terno e misericordioso.

Santamente faleceu em 30 de março de 1900. Foi beatificado pelo papa Paulo VI em 03 de novembro de 1963. O mesmo papa o declarou santo em 03 de maio de 1970 como “Extraordinário no ordinário”. A festa de São Leonardo Murialdo é celebrada no dia 18 de maio.

A feliz descoberta da misericórdia de Deus, depois da crise juvenil em Savona, foi o centro ao redor da qual progressivamente cresceu a unificação interior e toda a existência de Leonardo Murialdo. Pecado, perdão, abandono e misericórdia marcaram dali em diante toda a sua vida em modo crescente, cada vez mais profundo.

Muitos anos depois, no Testamento Espiritual, ele recorda a sua “conversão”: “em 1843, de volta do Colégio de Savona, verdadeiro filho pródigo, cheio de mil pecados, eu vim me confessar: Padre, pequei contra o céu e contra de ti. Então abriste à minha oração o teu coração

de pai, escutaste esta oração e resgataste uma alma destinada a ser teu templo, mas que durante muito tempo não foi senão que uma casa do demônio. Ó como a tua infinita misericórdia me tornou sensível naquele instante”. (Testamento espiritual p. 145)

Ele experimentou “a acolhida verdadeiramente paterna” de um “Deus infinitamente bom, infinitamente misericordioso” (Testamento espiritual, p. 125 e p. 149) e esta comovida experiência de perdão e de amor de Deus se prolongou na maravilha de ser chamado à vida sacerdotal e religiosa.

A experiência da misericórdia de Deus se tornou o núcleo central de sua espiritualidade. Consciente de ser continuamente amado por Deus, de modo infinito, terno e, sobretudo, misericordioso, Murialdo se empenhou com todas as forças em responder ao amor “infinito” de Deus com um amor “infinito”, isto é, com todo o seu ser. É esta a tendência espiritual que o acompanhou por toda a vida e que concretizou com o abandono filial à Providência do Pai, na docilidade à sua vontade divina, numa intensa oração, na penitência e na caridade operosa.

Esta é a sua certeza de fé que se tornou o carisma que ele intencionalmente quis transmitir aos seus “caros filhos e confrades”, a fim de que pudessem alcançar “uma confiança absoluta” (Testamento espiritual p. 71), em Deus misericordioso e se tornassem divulgadores do “conhecimento do amor infinito, atual e individual que Deus tem para cada pessoa [...] e do amor pessoal que ele tem para cada um em particular (Testamento espiritual p. 111). No “testamento espiritual” à congregação, Murialdo deixou dois desejos e este foi o primeiro. O segundo desejo se insere na mesma linha desta descoberta existencial: viver e difundir a devoção a Maria medianeira de graças e mãe de misericórdia (Testamento espiritual pp. 119-123).

2.2 A Congregação Josefinos de Murialdo

A Congregação de São José foi fundada por São Leonardo Murialdo no dia 19 de março de 1873, em Turim, na Itália, por isso seus membros chamam-se “Josefinos” porque São José é o modelo onde a Congregação busca suas inspirações originais.

Chamam-se “Josefinos de Murialdo” porque nasceram do espírito de São Leonardo Murialdo e desejam vivê-lo na maneira de ser e agir, conforme o seu lema: “Agir e Calar”. Como Murialdo, querem testemunhar na Igreja o amor misericordioso, infinito, terno, pessoal e atual de Deus Pai, sendo “amigos, irmãos e pais” das crianças e jovens, de modo a formar “uma bem unida família”.

Na prática das virtudes da humildade e caridade, querem guiar-se pelo espírito de fé de Murialdo, na plena confiança na Divina Providência. O empenho apostólico dos Josefinos de Murialdo se endereça preferencialmente à “educação e promoção de crianças, adolescentes e jovens pobres, órfãos e abandonados” (Const.45), diremos hoje, em situação de risco pessoal e social. (Guia Josefino de Pastoral Paroquial, 2005)

2.3 Nossos Propósitos: Visão e Missão

VISÃO

Ser uma Paróquia em saída missionária, comprometida com as crianças, adolescentes, jovens e famílias, capaz de acolher, integrar e evangelizar com ousadia, criatividade e alegria todas as comunidades que compõe a Paróquia.

A CNBB alerta que atualmente o “grande desafio das paróquias é sair em missão, deixar de ocupar-se apenas com a rotina e com as mesmas pessoas que já estão na comunidade e sair ao encontro das pessoas. O Papa Francisco exorta a vencer a mesmice: A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.” (CNBB, Doc. 100, n.31)

MISSÃO

Viver e proclamar a Boa Nova do Evangelho, através de um ministério inserido na Igreja local, integrado à dinâmica da própria Diocese e em comunhão com a Província, testemunhando o carisma muraldino em parceria com o protagonismo laical, numa bem unida família.

Jesus Cristo provoca-nos a ser um sinal de vida no mundo, assim como ele: “Eu vim para que tenham a Vida e a tenham em abundância.” (Jo 10,10), desta forma, nossa missão é a mesma dele, em favor da transformação do mundo: “Por meio da promoção da cultura da vida, os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé naquele que veio dar a vida em resgate de todos, comprometendo-se de modo especial com os pobres e excluídos, em vista da construção de uma sociedade justa e fraterna” (DGAE 2015-2019 n.64).

III. PRESSUPOSTOS NORTEADORES DA VISÃO

“Portanto, onde existem pessoas em perigo, irmãos, jovens que sofrem, para lá deve correr, pronto a tudo dar, a tudo sacrificar”. (Murialdo, escritos)

3.1 A paróquia no magistério da igreja

Introdução

O texto a seguir apresenta o conceito de paróquia nas cinco conferências do episcopado latino-americano. A reflexão parte da Conferência do Rio de Janeiro, realizada em 1955, ainda no pontificado de Pio XII. Passando por Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo, o estudo termina na Conferência de Aparecida, em 2007. A análise dos textos conclusivos de cada conferência mostra o progressivo esforço por adequar a paróquia à realidade do continente.

a) A paróquia no documento da Conferência do Rio de Janeiro

Na Conferência do Rio de Janeiro, a paróquia é lugar pastoral por excelência, visto que é o ambiente onde a maioria das atividades pastorais propostas pela conferência se acomoda. A paróquia desenhada pelo documento é lugar de quase tudo: catequese, liturgia, instrução, devoção e defesa da fé. À frente da paróquia se encontra o pároco, a pessoa do vigário não é tematizada e os leigos são auxiliares do clero pois “o apostolado é missão própria do sacerdote”. A “cura das almas” e todas as atividades pastorais propostas acontecem essencialmente no contexto da paróquia territorial, sobretudo em suas dependências físicas, sem um explícito acento missionário

No Vaticano II, o discurso sobre a Igreja parte do mistério de Cristo e do Povo de Deus nos dois primeiros capítulos da *Lumen gentium*, tratando em seguida do episcopado no capítulo III. O ponto de partida do documento do Rio de Janeiro é o problema grave da falta de sacerdotes, Assim, se a *Lumen Gentium* parte do todo para a parte, a conferência do Rio de Janeiro parte de uma fração. Só na conclusão do documento, a partir do Título VIII começam a entrar em questão alguns problemas sociais, que surpreendentemente se converterão no ponto de partida nos estudos da Conferência de Medellín.

b) A paróquia no Documento de Medellín

Medellín dá um grande valor às CEBs, por isso, as paróquias devem incentivar estes núcleos para transformá-los em “famílias de Deus” (vi); a paróquia não deve estar isolada, mas trabalhar em sintonia com a forania ou região episcopal (xv); a pregação deve levar em conta a realidade circundante, muitas vezes marcada pela injustiça (ii); o apoio à pastoral juvenil não deve faltar na paróquia (v); é necessário implantar, nas paróquias, uma catequese renovada (viii); na paróquia, o sacerdote deve ser servidor e sinal de pobreza evangélica (xi); há um longo e belo capítulo sobre a “pobreza da Igreja” (xiv) com graves implicações sobre a vida paroquial: sobriedade, fim das espórtulas, apoio ao dízimo etc. A paróquia desenhada por Medellín possui uma clara opção pelos pobres. Se o Vaticano II abordou o diálogo com o mundo, Medellín tratou do submundo dos pobres defendendo a pastoral da libertação. Brota a semente de uma Igreja “em saída”, que amadurecerá em Aparecida.

c) A paróquia no Documento de Puebla

Puebla detém-se mais sobre a paróquia que Medellín, deixando perceber duas leituras acerca da paróquia: uma quantitativa e outra qualitativa. Na primeira leitura, evidencia-se a falta de agentes e de meios: faltam sacerdotes, escasseiam as vocações sacerdotais e religiosas, houve deserções, as Igrejas não contam com leigos mais diretamente comprometidos nas funções eclesiais, há crises nos movimentos apostólicos tradicionais. Da outra parte, a análise qualitativa já revelava a necessidade da conversão pastoral, bandeira da Conferência de Aparecida. Ainda subsistem atitudes que obstam o dinamismo de renovação do Vaticano II: primazia do administrativo sobre o pastoral, rotina, falta de preparação para os sacramentos, autoritarismo de certos sacerdotes e fechamento da paróquia sobre si mesma.

A paróquia realiza uma função de Igreja, em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e no crescimento da fé. É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos. A celebração da eucaristia e demais sacramentos torna presente de maneira mais clara a totalidade da Igreja. Quando trata das estruturas da evangelização a paróquia é o primeiro agente, apresentado como “comunidade” composta de comunidades menores, especialmente CEBs, espalhadas pelo território paroquial, sobretudo nas paróquias rurais. Nas urbanas esta nova organização encontrava resistências.

A paróquia em Puebla é guiada pelo signo da comunhão e participação, porém já ajuizado que a paróquia não tinha condições para ela própria ser comunidade, devendo ser, por isso, um “centro” irradiador de pequenas comunidades. Neste projeto, as CEBs são apresentadas como o caminho privilegiado para vida comunitária e a evangelização.

d) A paróquia no Documento de Santo Domingo

Para a IV Conferência, a paróquia deve ser reflexo de uma Igreja viva e dinâmica, pertence à essência da Igreja local e é comunidade de comunidades. “A ruptura com Medellín se deu sob dois aspectos fundamentais: metodológico e teológico. Abandonou o método VER-JULGAR-AGIR, com consequências teóricas e pastorais. E deslocou-se o eixo crítico-social para o cultural, diminuindo o impacto da opção pelos pobres e pela libertação, reforçando o clima neoconservador eclesial, que já se manifestara com certa pujança em Puebla.

A novidade de Santo Domingo está principalmente no protagonismo dos leigos e na expressão “rede de comunidades”. Ao detectar a urgência da Nova Evangelização, “nova no seu ardor, em seus métodos e em sua expressão”, apontou a direção que será aprofundada em Aparecida: a dimensão missionária da paróquia. Na linha das conferências anteriores, confirma a paróquia como missionária, a partir de uma rede de comunidades, integrada e atenta aos problemas do seu contexto (cf. SD 58). Considera a necessidade de um processo de conversão entre seus agentes e abertura para a participação mais direta dos leigos. Para revigorar seu ardor missionário, é preciso que haja setorização e formação de pequenas comunidades, formação de leigos, prioridade para os planos de conjunto, mais acolhimento ao dinamismo missionário (cf. SD 60). Define a paróquia como Igreja comunitária, participativa, estruturada de forma capilar em comunidade de comunidades, aberta, flexível e missionária, numa dinâmica que permite abarcar uma realidade “trans” e “supra paroquial” (cf. SD 257).

e) A Paróquia no Documento de Aparecida

O documento de Aparecida dedica atenção privilegiada à paróquia. Na primeira parte do documento, os bispos lançam um olhar positivo sobre ela. A segunda parte possui quatro capítulos que em dois momentos há explícita atenção à paróquia. Na terceira parte, não se encontra um título específico sobre a paróquia, porém, ao abordar a pastoral urbana, o documento vincula-a com a renovação paróquia. Rede de comunidades, encontro com o Cristo vivo, comunidades eclesiais de base, movimentos eclesiais e novas comunidades. O autor desvela, entre outras questões, o emprego dos termos “Povo de Deus” e “Comunhão”. Mas é especialmente na segunda parte do documento que devemos procurar o projeto de paróquia da V Conferência, podendo destacar seis contribuições a esta reflexão:

1. A missionariedade é o eixo principal que perpassa todo o Documento. Não só as paróquias devem assumir, como prioridade, a ação missionária, mas também as comunidades, sejam elas de base, pequenas ou novas, segundo a tipologia adotada pelos bispos. As comunidades devem, por imperativo evangélico e em resposta aos desafios postos à evangelização na conjuntura presente, ser missionárias.
2. O termo “comunidade de comunidades” é um dos mantras do documento. Ao acentuar a vida comunitária, Aparecida aponta para o retrato da primitiva comunidade de Jerusalém como paradigma comunitário, ideal a ser vivido nas diversas comunidades da rede paroquial. A paróquia deve tornar-se “comunidade de comunidades” (DAp 309), chegando de maneira mais eficaz aos que estão distantes, evangelizando não só os que estão dentro, mas o que estão fora da paróquia, encarnando uma Igreja em estado permanente de missão.
3. A articulação entre comunidade e missão, posto que a fé e a comunidade são sempre missionárias. Todo cristianismo privado (cristão sem Igreja) é ilegítimo, pois ignora a dimensão comunitária-missionária da fé. A missão cria comunidade, e toda comunidade deve ser missionária (cf. DAp n.156). A Igreja é, com efeito, por natureza missionária [...]”.
4. O aperfeiçoamento do modelo que já existe nas comunidades da AL e Caribe, voltando o olhar para onde a renovação está em curso: nas paróquias renovadas através dos diversos métodos da nova evangelização, nas CEBs, nos novos movimentos eclesiais (Cf. DAp 99, 179, 309). Segundo V Conferência, as CEBs não são uma igreja paralela ou subterrânea, mas “verdadeiras escolas que formam discípulos e missionários do Senhor e caminho privilegiado para a renovação paroquial. Não se trata de um caminho exclusivo ou privilegiado, nem o único na grande rede tecida pelo Espírito. O carisma próprio das CEBs, entre outros, é o de cinzelar as palavras do Concílio de Jerusalém: “não se esqueça dos pobres” (Gl 2,10).
5. Aparecida recorda que a eucaristia é fundamento para a Igreja, e, portanto, para vida comunitária, onde se articulam o crer, o celebrar e o viver. A eucaristia é manancial da presença missionária.
6. O documento reconhece a dificuldade em dialogar com a cidade, sendo preciso paróquias abertas a uma nova pastoral urbana. Utiliza termos fortes para tratar desta relação: medo, fechamento, defesa, impotência. A paróquia, porém, além de investir

em comunidades, deve se abrir a outro mundo, extremamente complexo e desafiador, que o mundo da cidade e, portanto, da pastoral urbana. Destaca-se a atenção aos caídos à beira do caminho, a aposta em comunidades ambientais, a acolhida e a ampliação da presença em ambientes e espaços físicos em que a Igreja não se faz maternalmente presente.

A conversão pastoral da paróquia supõe a conversão do coração dos discípulos missionários. Por isso, a V Conferência apresenta estas recomendações em outra linguagem, adaptada aos agentes de pastoral. A eles aconselha-se uma adequação de linguagem e de horários paroquiais à dinâmica do mundo urbano, pede ampliação dos serviços de acolhida pessoal e do sacramento da reconciliação. Enfim, a imagem da paróquia que brota da V Conferência possui mais nitidez e clareza que as propostas das conferências anteriores. A paróquia é rede (comunidade) de comunidades, amalgamada em torno à eucaristia e focada na missão. Por isto, devido ao seu “DNA” missionário, deve estar disposta a adaptar ou abandonar estruturas ultrapassadas para anunciar Jesus na cidade.

Referências

EMERSON MARCELO RUIZI Mestre em teologia sistemático-pastoral pela PUC-Rio, professor de teologia na Faculdade Dehoniana, em Taubaté/SP.

ALMEIDA, Antônio José de. Paróquia, comunidades e pastoral urbana. São Paulo: Paulinas, 2009

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. Documento de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina, 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Documento de Santo Domingo. São Paulo: Loyola, 1992.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Documento de Aparecida. São Paulo; Brasília: Paulus, Paulinas, Ed. CNBB, 2

3.1 Formas desvirtuadas de cristianismo

Reconhecer a realidade dos limites e desafios com os quais a Igreja se depara é primordial na busca de ações pastorais que respondam aos anseios dos homens e mulheres do nosso tempo e que lhe proponham a vida nova em Jesus Cristo. Ter clareza destes desafios coloca-nos em situação de alerta criativo na elaboração de respostas oportunas.

Não podemos “recuperar o frescor original do Evangelho” se não formos capazes de reconhecer os erros e pecados que nos afastam do seguimento fiel de Jesus. O Papa dá nome às diferentes “formas desvirtuadas de cristianismo” que precisam ser superadas para que possa “brotar um autêntico dinamismo evangelizador”. (EG 94)

Francisco fala do **mundanismo espiritual** que “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, mas busca, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG 93). Muitas das estruturas físicas de nossas paróquias não estão mais a serviço da experiência de Deus, mas se assemelham a clubes ou ONGs a serviço de alguns interesses. Mundanismo que pode ser alimentado de duas maneiras. Um é daqueles que vivem “uma fé fechada no subjetivismo, em que apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e

iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência de sua própria razão ou de seus sentimentos”. (EG 94)

A outra é daqueles que, no fundo, só confiam nas suas próprias forças e se sentem superiores aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiéis a certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista ou autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam-se os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se energias controlando” (EG94). Ou ainda no “*cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja*, mas sem a preocupação que o evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus (...) e assim a Igreja se transforma numa peça de museu ou numa possessão de poucos”. (EG 95)

Francisco fala ainda do “*fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos*. Em todos estes casos “não se sai realmente à procura dos que andam perdidos, nem das imensas multidões sedentas de Cristo. Já não existe fervor evangélico, *mas auto complacência egocêntrica*” (EG 95). De acordo com Francisco, “quem caiu nesse mundanismo vive obcecado pela aparência. (...) Uma tremenda corrupção com aparência de bem”. (EG 97)

O Papa destaca **formas pouco sadias de espiritualidade** que apresentam o risco de “confundir a vida espiritual com alguns movimentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso com o mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não obstante rezem, uma acentuação de **individualismo**, uma **crise de identidade** e um **declínio do fervor**. São males que se alimentam entre si”. (EG 78)

Francisco fala também daqueles que buscam no religioso “uma forma de **consumismo espiritual** à medida do próprio individualismo doentio. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e a fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus”. (EG 89)

Ainda adverte que “**crece o apreço por várias formas de espiritualidade do bem-estar sem comunidade**, por uma **teologia da prosperidade sem compromissos fraternos** ou por experiências subjetivas sem rosto, que se reduzem a uma busca interior imanentista”. (EG 90)

Há ainda **estilos de vida que dificultam a vida evangélica**. O relativismo prático que leva a “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem”. (EG 80)

O clima de guerra que acontece entre os cristãos nos impede de oferecer o testemunho do evangelho. “Por isso me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejo de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições. Quem queremos evangelizar com esses comportamentos?” (EG 100)

O Papa recorda, além disso, que “alguns deixam de viver uma adesão cordial à Igreja e mais do que pertencer à Igreja inteira, com sua rica diversidade, pertencem a este ou aquele grupo”. (EG 98)

3.2 Desafios da atualidade

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (n.52-75) elenca alguns desafios do mundo atual que precisam ser considerados para que o anúncio do evangelho aconteça.

Vivemos numa economia da exclusão, na qual “criou-se a **cultura do descartável**, onde os excluídos não são ‘explorados’ mas, resíduos, ‘sobras’”(EG 53). A Igreja precisa sair e ver por onde andam os que estão fora. Os bolsões de miseráveis, os que não comem, os que não dormem, os presos, os sem teto, sem trabalho, sem educação, sem família, sem-terra, sem emprego, migrantes, sem direitos... os batizados não evangelizados, a eles deve-se levar uma boa notícia e pensar como incluí-los. Uma nova estrutura pastoral se fará na presença real da Igreja na vida dos que são excluídos. Um movimento permanente, como estilo ou jeito de ser de toda Igreja.

A **idolatria do dinheiro**, o bem-estar pessoal, o prazer e o consumismo se manifestam como frutos de uma crise antropológica que reduz o ser humano à uma necessidade, o consumo. Muitos católicos vivem na superficialidade, não abrem mão do conforto e das facilidades, fogem do sacrifício e da cruz. Busca-se felicidade, realização pessoal, sucesso, mas sem solidariedade e compromisso.

A **violência** que se origina das desigualdades sociais e da banalização da vida é agravada, ainda mais, pela corrupção profundamente radicada, gerando atitudes de desconfiança e descrédito nas possibilidades de mudança. “Enquanto não se eliminarem a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos, será impossível desarraigar a violência”. (EG 59).

A **intolerância** em relação ao diferente, coloca-nos uns contra os outros. Ataques à liberdade religiosa atingem níveis alarmantes de ódio e violência. Há uma crise de ideologias reagindo a tudo que pareça totalitário. Numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram se inserir num projeto comum. (EG 61)

A proliferação de novos **movimentos religiosos fundamentalistas** e a promoção de uma **espiritualidade sem Deus** é resultado de uma “reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista, e, por outro lado, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres e procura soluções imediatas para as suas necessidades”. Além disso, “parte do nosso povo batizado não sente a sua pertença à Igreja, fruto de estruturas com clima pouco acolhedor. Em muitas partes predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização”. (EG 63)

O **relativismo moral**, a **crise ética** em virtude da perda das referências de valores, na qual a verdade é produzida pelo indivíduo em função de interesses pessoais, sem vínculo com o bem comum, provoca uma desorientação generalizada, especialmente nas fases mais vulneráveis às mudanças, como a adolescência e juventude. A perda do sentido do sagrado, a

negação da transcendência e o enfraquecimento do sentido do pecado geram uma cultura que relativiza os valores capazes de dar sentido à vida. É necessária uma educação que ensine a sair da superficialidade, a pensar criticamente e ofereça caminho de amadurecimento de valores. (EG 64)

A **perda do senso de pertença** comunitária provocada pelo individualismo “favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas” (EG 67), “levando um considerável número de pessoas a se afastar da comunidade eclesial” (DGAE 2015-2019 n.26) ou a “esconder-se e livrar-se dos outros”. (EG 91)

A **vivência religiosa se torna cada vez mais midiática**, o encontro com as pessoas que partilham a mesma fé é menos importante e as experiências visam o sentimentalismo e o bem-estar. Muitos vivem sua religiosidade frequentando templos sem nenhuma ligação de fraternidade. Vivem-se práticas fundamentalistas e sentimentalistas de comprometimento individual de salvação e prosperidade, saúde física e realização afetiva, em detrimento do bem comum e da solidariedade. Emerge uma experiência religiosa sem pertença comunitária e sem compromisso. Assim cresce a indiferença pelo outro e a dificuldade de planejar o futuro. O que conta é o “aqui e o agora”. Nada duradouro, exigente. O conjunto, o permanente, os processos, a saída encontra resistência neste cenário, no entanto, numa comunidade ninguém faz carreira solo: “Vai-se de trem. Não se anda de bicicleta”.

A **fragilidade dos vínculos familiares** é uma marca de nossos tempos. Vivemos o crescente perigo de que um individualismo exagerado desvirtue os laços familiares. É desafio, igualmente, não deixar de atender pastoralmente, as novas situações familiares, “insistindo na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar as cargas uns dos outros” (EG 67).

A internet e as redes sociais digitais são parte integrante da nossa vivência cotidiana. Este **ambiente digital** tem proporcionado não só a extensão das capacidades comunicativas humanas, mas uma nova maneira de se compreender, pensar e relacionar. Por outro lado, está fazendo surgir “novas formas de comportamento que ameaçam valores tradicionais”. (EG 62)

3.3 Outros limites eclesiais

Durante séculos o povo de Deus foi educado para a submissão, a obediência, o silêncio e a passividade. Não promoveram a corresponsabilidade, a vivência adulta de sua pertença à Igreja, nem a criatividade do povo de Deus. O movimento de Jesus foi transformado numa religião na qual só uma minoria se sente de verdade com missão evangelizadora. O povo cristão olha para a Igreja como um assunto dos bispos, sacerdotes e religiosos. Essa passividade laical é, talvez, o principal obstáculo para promover a transformação de que a Igreja de Jesus precisa hoje. Sem protagonismo laical, sem processos de formação, sem superação do clericalismo não haverá conversão pastoral.

Esta situação está pedindo, sem dúvida, “um esforço grande e delicado de mútua escuta, respeito recíproco, diálogo sincero e grande humildade diante de questões novas, complexas” (EG 26). Onde encontrar na Igreja o vigor espiritual de que precisamos para produzir a conversão a Jesus Cristo e ao seu evangelho?

1. Missão laical - Apesar da insistência dos documentos eclesiais, de que o primeiro âmbito de ação do leigo é no mundo, percebe-se a tendência a valorizar, quase que exclusivamente, o serviço no interior da Igreja, o que prejudica a tomada de consciência da importância dos cristãos leigos e leigas nas realidades do mundo (CNBB Doc 105,5-7).

- Atrasos em relação à participação de leigos nos Conselhos Pastorais
- Propostas místicas desprovidas de compromisso social
- Profetismo e dimensão social enfraquecidos
- Resistências quanto à opção preferencial pelos pobres, esquecendo-se que é uma questão de fé e de fidelidade ao Evangelho
- Persistência do amadorismo em relação à preparação e formação das lideranças. (CNBB Doc 107)

2. Nossas estruturas pastorais remontam à cristandade, o que precisa ser superado, pois já não evangeliza mais. As pessoas chegam, fazem inscrição, pagam uma taxa, recebem o sacramento (sem saber o que é) e vão embora. Não fazem experiência de Deus, não aprendem a rezar, não conhecem a comunidade, não participam da Eucaristia, afastam-se até esquecerem-se de Deus. Há um conjunto de pastorais sem Pastoral de Conjunto. Temos dificuldades em evangelizar as pessoas. Não oferecemos um processo de formação permanente, os agentes pastorais são poucos e sempre os mesmos. Falta-lhes também formação adequada. A tarefa da iniciação cristã é confiada, hoje, em geral, à catequese, conduzida por pessoas de boa vontade, nem sempre com preparação suficiente.

3. A cristandade impôs a exigência de batizar, casar e ir à missa como constitutivo da vida cristã. A catequese é vista como preparação de crianças e adolescentes para receber os sacramentos. Não se preocupa com a Palavra, a vivência, a experiência, a liturgia e a inserção. Em muitas situações, ainda encontramos a pastoral dos sacramentos da iniciação desligada da vida comunitária, da pastoral de conjunto e do compromisso sociotransformador (CNBB Doc 107). A preparação aos sacramentos não supõe o serviço missionário, temos, por isso, tantos batizados sem Igreja e não evangelizados. A prioridade no processo de evangelização devem ser os adultos.

4. Há um clericalismo dominante, onde o pároco pensa, decide sozinho, não conta com o Conselho de Assuntos Econômicos e o Conselho Pastoral. Há vigários paroquiais que não passam de colaboradores, e eles devem ser mais que colaboradores, mas *corresponsáveis*. A missão, a vida, a capacidade técnica do pároco e do vigário paroquial precisam ser refletidos, eles precisam ser ajudados, porque a evangelização supõe o mínimo de rigor. Isto gera dificuldade em acolher e seguir as linhas comuns de ação: algumas paróquias não participaram em nenhum dos encontros das nossas paróquias e vão se configurando com perfil diocesano, porque unidade de ação, continuidade. Muda o pároco, muda tudo. Isso precisa ser superado, pois o povo padece pela descontinuidade, que causa desânimo e cansaço. Faz-se necessária uma rede de paróquias.

5. A ação carismática Josefina, em muitas paróquias é insignificante. Nem sempre é fácil ver e reconhecer nela uma paróquia com carisma Josefino. Tanto com as crianças e adolescentes quanto com os jovens. Em relação ao trabalho com os jovens, não é possível sem levar em conta as redes sociais, para atrair e conectar interesses e motivações.

6. Paróquia sem um plano pastoral é uma paróquia de manutenção e eventos. O voluntarismo não é adequado a uma estrutura responsável pelo anúncio do evangelho. A evangelização não é acolhida como responsabilidade do conjunto da Igreja. As pastorais mantêm uma estrutura com algumas atividades que vão ao encontro da “necessidade dos clientes”. Dedicadas a fazer cumprir essas atividades, vivem num exagerado voluntarismo, sem visão de conjunto, cada um mantém seus espaços de poder e privilégios. Muito devocionismo, sem processos que evangelizem as pessoas.

7. Muitos entendem a comunidade mais como uma reunião de pessoas para realizar tarefas do que uma comunidade que vive um encontro pessoal com Jesus e se une para uma conversão contínua. A paróquia vive como prestadora de serviços religiosos, sem compromissos. Não há mais certo ou errado, tudo é relativo ao entendimento da pessoa, tudo é decidido pela consciência da pessoa. Jesus e seu projeto não estão no centro de toda ação pastoral. Não há prestação de contas, nem do ministério laical, nem dos padres. Existem padres que não obedecem e fazem o que querem, existem leigos que se julgam intransponíveis e imexíveis. Há que se compreender o sentido dos ministérios e serviços.

8. Falta de testemunho (Martyria): Muitas de nossos agentes não creem e nem seguem toda a doutrina da Igreja. Muitos são a favor do aborto, da pena de morte. “Vou a missa, comungo, mas confesso meus pecados a Deus”, dizem. A coerência é fundamental para a credibilidade do anúncio. Discurso por si não convence. Escândalos, ostentações, disputa de poder, luxúria, desperdício, são atitudes que dão testemunho contrário à proposta do Evangelho.

9. Questões diversas continuam a interpelar: Falta de moradia, desemprego, falta de políticas públicas, governos autoritários, êxodo, migrações, ecologia, mulher, juventude, gênero, aborto, vocação, sustentabilidade, casa comum, fraternidade universal, solidariedade, cidadania, segurança, violência... Há que se estudar, informar, aprofundar, atualizar para dar respostas sempre mais próximas do Evangelho a tantas destas questões.

Esses são alguns indicadores que nos estimulam a reconhecer a necessidade de trilhar caminhos novos que o Pai, pelo Espírito Santo, nos inspira para chegar ao coração das pessoas.

IV. PRESSUPOSTOS NORTEADORES DA MISSÃO: Novos paradigmas pastorais em um tempo de mudanças

“É Deus que faz o bem, mas exige como condição que nós trabalhemos, semeemos, façamos, façamos o que está ao nosso alcance; e depois que rezemos, rezemos.” (Murialdo, escritos III, 432,2)

4.1 Voltar a Jesus

Nestes tempos em que ocorre uma mudança sociocultural sem precedentes, a Igreja precisa de conversão, de um coração novo para viver e comunicar a Boa Notícia de Jesus com mais verdade e mais fidelidade à sua pessoa, à sua mensagem e ao seu projeto do reino de Deus. “Sempre que procurarmos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes.” (EG 11).

Todos os cristãos, em qualquer lugar e situação em que se encontrarem, estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de procurá-lo dia a dia, sem cessar” (EG 3). Não haverá conversão das estruturas se não houver conversão pessoal, mudança de mentalidade, de visão. Adquirir a visão de Jesus.

O Papa Francisco adverte sobre o perigo de pretender “ser cristão sem Jesus” e diz: “só é válido aquilo que leva a Jesus e só é válido aquilo que vem de Jesus. Jesus é o centro. A Igreja precisa levar a Jesus. Se alguma vez acontecer que a Igreja não leve a Jesus, ela seria uma Igreja morta”. (Homilia em Santa Marta, 7 de setembro de 2013).

“Toda a vida de Jesus, sua forma de tratar os pobres, seus gestos, sua coerência, sua generosidade simples e cotidiana, finalmente, sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal” (EG 265). Se uma pessoa não o descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém”. (EG 266)

Estratégias:

- Toda paróquia intensifique a vivência da Eucaristia, os momentos de adoração e a Leitura Orante comunitária e pessoal.
- Nenhuma reunião de pastoral, grupos ou movimento se inicie sem a leitura da Palavra de Deus.
- A devoção a São José seja incentivada, como modelo de educador, na caridade e humildade.

4.2 Uma igreja “em saída”

Esta realidade se encontra dos números 20 a 24 do primeiro capítulo da *Evangelii Gaudium*.

Transformação missionária implica colocar a Igreja numa posição de “saída”. Na palavra de Deus aparece este dinamismo de “saída”: Abraão (Gn 12,1-3); Moisés (Ex 3,10); Jeremias (Jr 1,7). E por fim, o ide de Jesus: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20). Neste ide de Jesus estão presentes todos os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos nós somos chamados a esta nova “saída” missionária.

A Igreja existe para evangelizar. Evangelizar significa reconhecer a própria identidade. A *Lumen Gentium* inicia referindo-se à Igreja como “Sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”. Evangelizar significa colocar-se diante da sua missão fundamental. A Igreja deve, então, encontrar a linguagem, os sinais que interpelam os nossos contemporâneos. Este é o seu projeto fundamental. A Igreja coloca-se diante da história, diante do seu presente e do futuro, não de mãos vazias, mas como uma realidade a transformar, num projeto envolve a todos. Toda a vida da Igreja é missão. Ninguém na Igreja é estranho à missão. Todos são envolvidos na missão. Se o olhar de alguém se restringe e não torna coerente, visível, a missão de toda a Igreja, não somos então, empenhados na missão. A Igreja é missionária pelo anúncio e pelo testemunho. O mandato de “sair” é explícito no Evangelho. A primeira geração saiu, fez o Evangelho chegar até o centro do mundo de então, Roma. Os Atos dos Apóstolos terminam com Paulo chegando prisioneiro em Roma. Lucas quer dizer que o Evangelho chegou até o centro do mundo de então. As sucessivas gerações assumiram esta missão.

Hoje, o imperativo é nosso. “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”. A missão se dá também por atração. O Senhor crucificado atrai a Ele: ‘quando for levantado na cruz, atrairei todos a mim’. A beleza do Senhor atrai, a beleza do testemunho da fé atrai, a beleza da caridade atrai. Anunciar Cristo significa mostrar que crer Nele é também belo, capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda. Todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como caminhos que ajudam a encontrar o Senhor. A missão é um problema de fé, é a medida exata da nossa fé em Cristo e no seu amor por nós.

O Papa Francisco toma como ponto de partida o impulso renovador do Concílio Vaticano II. Diz: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação” (EG 26). “É preciso passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (EG 15)

- “Não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos (EG 15).
- “Todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho” (EG 20).
- “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnância e sem medo”. (EG 23)
- O Papa insiste continuamente com força: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo. Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído

pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. (EG 49).

Essa Igreja que sai de si mesma, nos está pedindo que mudemos de atitudes e esquemas arraigados em nós. Portanto, “se a Igreja assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. A quem deveria privilegiar? Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida a eles gratuitamente é sinal do reino que Jesus veio trazer” (EG 48).

Indicações:

- Cada pastoral, movimento ou grupo presente, no plano pastoral, suas formas concretas de saída missionária.
- Promover ação missionária específica dirigida aos mais pobres e aos que vivem nas periferias da paróquia.

4.3 Uma igreja acolhedora:

“Qualquer pessoa que procure a comunidade eclesial deve ser recebida por alguém que escute e ajude a encontrar uma solução para suas necessidades” (CNBB Doc. 71 pg 54).

É certo que ninguém quer permanecer onde não é bem acolhido. A resposta ao chamado de Deus não se realiza fora de uma comunidade eclesial. Iniciar na fé e na vida comunitária são momentos inseparáveis de um único processo evangelizador. A transmissão da fé depende das comunidades vivas que suscitam o desejo de participar de sua vida. A comunidade é, indiscutivelmente, o ponto de referência para o processo de evangelização de inspiração catecumenal, onde permanece o desafio de conscientizar para o protagonismo de toda a comunidade eclesial na formação dos novos cristãos. Trata-se de um acompanhamento muito próximo e zeloso da comunidade. Pela acolhida, testemunho de vida, orações, vida litúrgica, incentivo, manifesta-se a centralidade da comunidade de fé na formação dos novos membros

Acolher é reconhecer o outro como gente. É “ver” o outro, cuidar dele, colocá-lo no centro. É ouvi-lo, como se escuta a Palavra mesma de Deus. É amá-lo até o fim. “Eu os atraí com laços de bondade, com cordas de amor” (Os 11,3). Acolher é aproximar-se, ouvir, cuidar das feridas, dar-se gratuitamente pelo bem do outro, pagar suas dívidas, no estilo do bom samaritano (Lc 10, 25ss). Ou como Jesus que se aproxima dos discípulos de Emaús, cansados e lhes pergunta: “O que há com vocês” (Lc 24,17). Uma Igreja acolhedora é madura na fé. A conversão pastoral não fala de um grupo de acolhida, mesmo que ele exista e seja necessário, mas tem que comportar um jeito evangélico de ser de toda a comunidade eclesial.

Acolher é inserir. No catecumenato a acolhida transforma-se numa proposta pedagógica permanente de acompanhamento personalizado ao longo de todo o processo de formação, que contemple todas as necessidades, humanas e espirituais da pessoa. Do acolhimento inicial dependerá muito a continuação ou não do fiel no seu processo de iniciação.

Acolher é conduzir o outro à liberdade, ajudá-lo a encontrar, conhecer e experimentar a Jesus, Senhor da vida. João Batista, vendo Jesus que ia passando, apontou: “Eis o cordeiro de Deus, e eles seguiram a Jesus” (Jo1,36.37). Acolher exige maturidade cristã, consciência de ser Igreja. É não ser “dono” dos espaços, do tempo, da pastoral, renunciar a tentação do poder para que todos os que são iniciados sejam inseridos no dinâmica eclesial.

Estratégias:

- A secretaria paroquial precisa ser o coração da Igreja. Ao passarem por ela, as pessoas precisam sair satisfeitas, mesmo se não for possível atendê-las em suas expectativas nem sempre retas. Deve-se superar a burocracia, a frieza, a impessoalidade e estabelecer relações mais personalizadas”. (CNBB Doc 100 n.262)
- Quanto possível a comunidade compareça às celebrações do catecumenato (RICA 41,1)
- Animar as lideranças pastorais a assumirem o ministério dos introdutores.
- Acolher com o melhor que se tem, garantindo estrutura e instalações adequadas e acessíveis: sanitários, água para beber, fraldário em sanitários masculinos e femininos, sacrário para rezar, espaços acessíveis.
- Inserir as pessoas em experiências de comunhão, em pequenos grupos onde as pessoas são vistas, ouvidas, cuidadas, em busca de um discipulado mais personalizado.

4.4 Igreja querigmática

“Dar a conhecer Jesus Cristo e o seu evangelho àqueles que não o conhecem, é, a partir da manhã de pentecostes, o programa fundamental que a Igreja assumiu como algo recebido do seu fundador.” (EM 51)

No “querigma” se anuncia aberta e resolutamente o Deus vivo e Jesus Cristo (RICA 9). Proclamação, grito, anúncio alegre que ecoa, interrompe, impacta, muda a direção, um mistério que seduz. “É esta a Boa Nova que muda o homem e a história da humanidade, e que todos os povos tem o direito de conhecer” (RM 44). É o anúncio alegre que interpela e muda o horizonte da vida das pessoas, feito por testemunhas, que viram, encontram e experimentaram o Senhor. A mensagem anunciada está estampada no rosto da comunidade que é toda ela evangelizadora.

Para que a vida de alguém cresça, é necessário ter antes nascido. Não se pode crescer na fé se, antes, não se nasceu para ela. O querigma produz o renascimento da vida espiritual, enquanto a catequese, depois, alimenta esta vida dando-lhe o crescimento. O querigma coincide com todo processo da Iniciação à Vida Cristã e suas estratégias de evangelização. É o coração e a alma da Igreja, que compromete a todos. Um encontro que deve renovar-se constantemente.

Querigma é a dimensão missionária da Igreja. O objetivo é o despertar da fé e do desejo de aderir e seguir a Cristo. É onde acontece a evangelização. Anúncio e adesão. Aqui o iniciante precisa ser ajudado em seu primeiro sim. “Como posso entender se ninguém me explica?” (At 8,31). Doutrina em si não faz ninguém aderir à Jesus e à Igreja. Não se pode dar por pressuposto o primeiro anúncio anteriormente garantido pelo contexto cultural. Esse despertar é necessário. Aos já batizados a primeira evangelização e anúncio querigmático assumem as características de reaproximação, reencantamento e redescoberta de Jesus e da comunidade eclesial.

A dinâmica da **acolhida permanente** dá a tônica ao querigma, com destaque aos encontros informais, que são laboratórios de partilha, hospitalidade, testemunho. Tempo de escuta da vida, dores, aspirações, motivações mais profundas da pessoa.

Trata-se de um **acompanhamento personalizado**. Aqui surge o **ministério do introdutor**. Também nos outros tempos a atenção personalizada é contemplada, pois leva-se em consideração a liberdade, o ritmo e o tempo de cada pessoa. Daqui surge uma luz importante

na busca de novas estruturas menos pesadas e burocráticas. Em síntese: o material pastoral de que dispõe o querigma são: a acolhida generosa, o estar juntos e a escuta gratuita. Esse é um jeito de ser, não uma atividade.

Indicações:

- Dar atenção às oportunidades querigmáticas já existentes que são momentos chave na vida de alguém: pedido de sacramentos, celebração do batismo, atendimento confissões, celebração de bodas, exéquias podem ser oportunidade de primeiro anúncio.
- A liturgia dominical é a única oportunidade de anúncio para boa parte dos fiéis que nos vem, mas que não foram seduzidos, devendo por isso ser querigmáticas e mistagógicas.
- É preciso investir em novos espaços e meios que despertem e promovam encantamento e reencantamento com a pessoa de Jesus Cristo. Primeiro no nível intraparoquial e num movimento Extraparoquial. Que haja espaços alternativos, móveis flexíveis de presença da Igreja com ambientes adequadamente pensados para a prática da Lectio Divina e da oração comunitária, salas de catequese menos escolares e mais acolhedoras, onde se destaque a Palavra de Deus e elementos próprios da fé católica como o crucifixo, os santos padroeiros, orações, citações, etc.
- Que os templos, capelas e locais de oração comuniquem o sentido do sagrado, do silêncio, do belo e da simplicidade, evitando mudanças, pinturas e obras sem um esmerado estudo e reflexão dos símbolos, das cores e da liturgia, sempre que possível com o apoio e a orientação de especialistas da arte sacra, da liturgia e em comum acordo com a realidade e a história da comunidade local.
- Que se valorizem os jardins, os ambientes abertos, o contato com a natureza, principalmente pensando no valor catequético destes ambientes para as crianças, os jovens e os idosos, afim de promover também a contemplação e a interação humana.
- Promover uma presença pública nas artérias da sociedade, no mundo da saúde, da educação. Aproximar-se com criatividade e zelo pastoral dos diversos ambientes onde vivem os filhos e filhas de Deus também faz nascer novos cristãos.
- Desenvolver projetos pastorais que não se concentrem tão somente em torno dos ritos sacramentais, mas também ao redor da vida cotidiana (maior visualização dos serviços sociais e melhor comprometimento da comunidade).

4.5 Pastoral mistagógica

Uma experiência nova e pessoal dos sacramentos e da comunidade é renovada e aprofundada nas missas dominicais. A **“experiência”**, tão valorizada e determinante **acontece pela participação ativa e consciente na celebração, junto com a comunidade.**

“Na verdade, obtém-se conhecimento mais completo e frutuoso dos “mistérios” através de novas explanações e sobretudo da experiência dos sacramentos recebidos. Os neófitos foram renovados espiritualmente, saborearam mais intimamente a boa Palavra de Deus, entram em comunhão com o Espírito Santo e experimentaram quão suave é o Senhor. Dessa experiência, que todo cristão possui, e cresce pela prática da vida cristã, adquirem novo senso de fé, de Igreja e do mundo” (RICA 38).

A questão não é saber se os cristãos vivem a liturgia, mas **se vivem da liturgia que celebram**. Viver daquilo que a liturgia faz viver: o perdão invocado, a Palavra de Deus escutada, a oração de graças elevada, a Eucaristia recebida como comunhão. Pode-se celebrar a liturgia durante uma existência inteira sem, todavia, viver da liturgia celebrada. A liturgia é parturiente, dá a vida, por isso, o fim da liturgia é a santificação do homem. O critério decisivo, em base ao qual se verifica a qualidade da liturgia não pode, portanto, ser outro do que a qualidade de vida espiritual daqueles que a celebram. É preciso, pois, predispor tudo, **a fim de que os cristãos encontrem, na liturgia, o alimento de sua vida de fé**, do contrário, celebrarão sempre a liturgia sem dela viver.

“Propor genericamente o querer viver como santo tem pouco valor; é necessário determinar em que é que se quer fazer consistir essa santidade” (SLM)

A mistagogia é o método e o instrumento que a Igreja antiga nos entrega para fazer com que os fiéis vivam daquilo que celebram. Falar em mistagogia significa dirigir-se, imediatamente, às catequeses e às homilias com as quais alguns Padres da Igreja introduziram os catecúmenos ao conhecimento do significado do batismo e da eucaristia.

Para René Bornert, a mistagogia é, em primeiro lugar, a realização de uma ação sagrada e aqui, a celebração dos sacramentos da iniciação. Afirmar que a mistagogia é, em primeiro lugar, **ação litúrgica** enquanto tal, significa atestar que a liturgia é, em si mesma mistagogia, ou seja, é de per si capaz de ser **epifania do mistério**, de modo que a liturgia inicia ao mistério, celebrando-o.

René indica ainda um segundo significado da mistagogia: **Ela é explicação oral ou escrita do mistério escondido na escritura e celebrado na liturgia**. As modalidades de expressão do mistério são duas: a Escritura e a liturgia. Vivenciar e experimentar para conhecer, adentrar o mistério e ser por ele transformado. O conhecimento e vivência da Palavra e da vida eclesial são experiências mistagógicas. Deus aí se revela e se deixa encontrar. Experiência e vivência da Palavra, celebração consciente e comunhão de vida com a Igreja são instrumentos mistagógicos eficazes.

Toda a ação litúrgica de nossas paróquias deve se colocar como caminho privilegiado de experiência de Deus. Elemento importante de mudança passa por um serviço autêntico à Liturgia, ela precisa ser mistagógica. Bem como as iniciativas de Leitura Orante pessoal e comunitária, a formação bíblica e o despertar da alegria pelo mistério da vida em comunidade.

Propor a fé exige dialogar com os homens e mulheres de hoje. Missão-vocação, tarefa da Igreja é ajudar a comunidade a fazer a experiência de Deus. Propor a fé não é só responder às exigências religiosas dos que se aproximam da Igreja. Significa, além disso, tomar a iniciativa de atrever-nos a apresentar a fé cristã numa sociedade que desliza para a indiferença e o esquecimento de Deus.

Indicações:

- Preparar com zelo e valorizar a vivência dos momentos fortes do ano litúrgico: Advento/Natal, Quaresma/Páscoa, Solenidade de Pentecostes; Solenidade do Corpo de Deus.

- Promover a festa dos padroeiros, e em especial as festas de Murialdo e suas devoções: São José e Nossa Senhora de modo a renovar a espiritualidade murialdina na caminhada de fé da vida da comunidade paroquial.
- Celebrar as festas que fazem parte da fé do povo de Deus, iluminando-as e conduzindo-as à centralidade em Jesus Cristo.

4.6 Opção preferencial pelos pobres e igreja solidária

A credibilidade do anúncio do Evangelho passa pela opção pelos pobres que “deve traduzir-se em uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200). “Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG 48). E o Papa continua afirmando que a “questão fundamental para o futuro da humanidade é a inclusão social dos pobres” (EG 185). “Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social: ‘A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos de todos’” (EG 201). Esta é uma nova estrutura pastoral, não de um grupo, mas como um jeito de ser, uma ação permanente. Assim como comungamos todos os domingos, com a mesma fé, vamos ao encontro de Jesus que está fora, na rua, como mendigo, drogado, sem trabalho, sem casa, sem comida, sem conhecer o amor... só assim conheceremos Jesus.

Uma Igreja que tire o foco de suas questões internas e **sintonize com as grandes aspirações da humanidade, as necessidades humanas** e espirituais dos jovens e de todo povo de Deus. Deus quer salvar a todos e a Igreja, como mediação privilegiada, precisa ser a Igreja de todos, sobretudo daqueles que não são Igreja. Fazer do ser humano o caminho da Igreja, acena, antes de tudo, a uma Igreja samaritana, companheira de caminho de toda a humanidade, especialmente dos que sofrem e mais especialmente ainda dos alvos de nossa vocação e missão, os jovens mais pobres. Uma Igreja cuidadora, que promove e defende a vida e o planeta como sua casa. Uma Igreja acolhedora, solidária, movida pela compaixão, mas também profética, que denuncia os mecanismos de opressão e exclusão e toma a defesa das vítimas, que clamam por justiça nos diferentes rostos do complexo fenômeno da pobreza.

Indicações:

- Promover a formação político-social a partir da Doutrina Social da Igreja
- Promover e fomentar as Pastorais Sociais e sua atuação em ações comuns em favor do bem de todos
 - Efetivar parcerias com as mais diversas instituições civis e eclesiais, em estreita colaboração, procurando tirar o melhor proveito possível das diversas competências
 - Permitir que os Conselhos Pastorais Paroquiais, na medida do possível e levando em consideração cada realidade local, seja uma força consultiva e colaborativa das associações de moradores e forças políticas locais em defesa da vida e da justiça social.
 - Favorecer, promover e incentivar encontros de formação e troca de experiências das pastorais sociais, pessoas e grupos católicos de atuação na escola, na medicina, no mundo do trabalho, da arte, da cultura, da música e vida em defesa dos excluídos e marginalizados.

4.7 Opção pelas pequenas comunidades

Em Ex 18,13-27, Jetro aconselha Moisés. A grande comunidade dificulta o estreitamento de vínculos humanos e sociais. A setorização em grupos menores “descentraliza o atendimento e favorece o aumento de líderes e ministros leigos e vai ao encontro dos afastados” (Doc 100 n.244). Não basta a demarcação de território, é preciso identificar quem vai pastorear, animar, coordenar as pequenas comunidades. O protagonismo dos leigos supõe preparar bem os animadores das comunidades. Será preciso um novo planejamento da paróquia como rede, evitando a concentração de todas as atividades na matriz. Estruturas simples, com maior delegação de responsabilidades para leigos e religiosos que atuam na paróquia”. (CNBB Doc 100, n.245)

O poder não está centralizado na matriz e no pároco, e sim, no Conselho Pastoral Paroquial que rege a rede e é formado pelos representantes oficiais de cada comunidade conforme Regulamento do CPP de algumas dioceses. As decisões são sempre colegiadas, tanto para a rede como para cada comunidade, que conta com seu Conselho Comunitário de Pastoral (CPC). Este é formado pelas forças vivas da comunidade. Essa descentralização compreende uma interdependência funcional das comunidades entre si e com o pároco, que se torna animador da rede paroquial.

Mesmo nas capelas e comunidades poderiam se multiplicar a formação desses grupos menores e denominá-los “pequenas comunidades”. Ao afirmar-se que são pequenas comunidades, indica-se que são grupos pequenos, no qual todos se conhecem, partilham a vida e cuidam-se uns dos outros, como discípulos missionários de Cristo.

O fundamento destas comunidades está na Palavra de Deus e na Eucaristia. (Doc 100 n.252). Elas podem ser reunir em diversos pontos, horários e dias diferentes, (CNBB Doc 100, n.253) e ao viver um espírito de abertura missionária, acolherão novas pessoas”. (Doc 100 n.254). Através delas poder-se-ia também conseguir chegar aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja (DAp, n.310). O importante é que a comunidade faça o seu caminho sempre unida à Palavra, à oração, à comunhão fraterna e ao compromisso de serviço aos pobres. (Doc 100 n.255)

Indicações:

- Setorização do território paroquial
- Implantação das pequenas comunidades, seja através das células de evangelização, círculos bíblicos, CEV's, ou outras experiências semelhantes

4.8 Uma igreja de processos e não de eventos

“Trata-se de dar início a processos novos, de iniciar mudanças.” (Circular 3. 2008). Sair de uma Igreja prestadora de serviços sacramentais, ou que empenha todas as energias em festas de padroeiros ou eventos de arrecadação financeira, cumpridora de calendários. Tomar o rumo de uma Igreja que caminhe na direção da construção de processos de vivência fraterna da fé, que possibilitem a formação da consciência cristã, levem do voluntarismo ao discipulado missionário, despertem o sentido de pertença e do trabalho pelo Reino. Neste discernimento, haverá mais dízimo e menos bingo, mais lama e menos incenso, mais experiência e vivência e menos doutrinação.

Indicações:

- Fomentar a Pastoral de Conjunto e o envolvimento do maior número de pessoas nas pastorais, de modo que todos possam colaborar em equipe na promoção social e humana de todos e de cada um, a partir das suas especificidades, de forma orgânica e articulada.
- Guardar o necessário respeito às tradições e costumes da religiosidade popular da paróquia, procurando ajudar os fiéis a discernir entre o que é fundamental e o que é acessório nas práticas vigentes, e, com perspicácia adaptando-as às necessidades dos tempos atuais.
- Estabelecer processos de formação inicial (IVC) e para a formação permanente dos diferentes agentes e animadores nas diversas áreas da pastoral, fundamental para a vitalidade e renovação da comunidade paroquial.

4.9 Efetiva opção pelas crianças, adolescentes e jovens

*“Quanto seria desejável se pudesse introduzir entre nós o espírito de doçura, de familiaridade, de paciência com os meninos. Seria o segredo para pazer um pouco de bem às lamas que Deus nos confia;... não há outro jeito de atrair os meninos a Deus a não ser pelo ímã da doçura. Esforcemo-nos, pois, de ter sempre, quando tratarmos com eles, um rosto alegre, um trato gentil, uma conversa agradável, afável, afetuosa; se não o fazemos naturalmente, façamo-lo de forma pensada, com empenho, também com esforço, por amor de Deus e das almas.”
(Murialdo, escritos V, p.2156)*

A ação pastoral deve levar à promoção integral da pessoa. O empenho na ação social é exigência de fidelidade a Deus. O campo principal de ação para Murialdo foi o da acolhida e o da educação, dos jovens pobres e abandonados. Ele não foi um pedagogo, mas um educador, não foi um pensador ou um escritor, mas um sacerdote dedicado à formação dos jovens e, sobretudo, dos mais necessitados de acolhida, de apoio e de afeto. A mesma atitude deve caracterizar a preocupação social do pároco Josefino de Murialdo.

A ação de São Leonardo Murialdo brotou da sua intimidade com o Senhor, sentindo-se servidor do amor de Deus junto dos mais pobres e abandonados. Estava atento aos principais problemas e às maiores dificuldades da sociedade, procurando ajudar a dar-lhes resposta. É esta atitude de amor preferencial pelos pobres que os seus discípulos são chamados a imitar e a assumir na sua ação pastoral (cf. SRS 42).

Assim, a Rede – JuventudeS de Murialdo é um Projeto Pastoral Congregacional “com e para as juventudes” na Província Brasileira com o propósito do seguimento a Jesus Cristo à luz da vivência da espiritualidade de São Leonardo Murialdo, em sintonia com os princípios da Pastoral Juvenil da Igreja no Brasil. A rede se estrutura enquanto Equipe Executiva com confrades e jovens referentes, em vista do serviço e diversidade de seguimentos juvenis articulados, acompanhados, assessorados pelos Josefinos de Murialdo.

Os jovens; “Eles nos evangelizam uma vez que nos interpelam sobre os horizontes do sentido da vida; colocam à prova a nossa fidelidade de consagrados, desafiando nossas seguranças. Querem que sejamos capazes de discernimento, de acompanhamento, de sustento nas suas escolhas, de estar no meio deles se de fato desejarmos anunciar a alegria do Evangelho

e a responder às suas necessidades mais profundas, que são a necessidade de sentido e de relações.” (Circ. n. 2/2018.7)

“O chamado de Deus para uma vida plena é para todos os jovens, sem excluir nenhum. Portanto, não podemos em nossa ação contentar-nos só com os jovens de nossas obras. Existem ambientes de vida, por exemplo, a universidade, o mundo da preparação ao trabalho, a família com suas riquezas e feridas, a economia, a política, a mídia... a espera de uma palavra concreta de vida e de esperança. Sentimo-nos comprometidos com outras modalidades de ação para aproximarmos-nos, como Cristo, no caminho destes jovens. Este empenho pede para agir com grande confiança na construção de parcerias e de redes com os mais diversos sujeitos que se ocupam da educação, de questões sociais, de trabalho e da redução das desigualdades e das injustiças. Tais alianças nos envolvem porque visam à realização de projetos e à criação de instrumentos para garantir o bem comum”. Circ. n. 2/2018.13

Indicações:

- Fortalecer e intensificar os trabalhos das pastorais e movimentos juvenis existentes, apresentando e incluindo elementos da Espiritualidade e Carisma herdado por São Leonardo Murialdo.
- Promover espaços e momentos na Paróquia (Celebrações, Encontros e afins) para promoção e propagação do Carisma Congregacional (Ex: comemorações das festas de São Leonardo Murialdo; maio - dia da santificação e outubro - dia do nascimento).
- Fortalecer e/ou criar Grupos de Reflexão e Espiritualidade a partir de agentes qualificados e dos adolescentes e jovens.
- Disponibilizar ou criar espaço físico (Sala e/ou Capela) adequado de acolhida e intimidade para momentos de trabalhos com grupos e refúgios individuais.
- Garantir o trabalho em rede na perspectiva do acompanhamento e assessoramento juvenil.
- Criar em cada paróquia uma Equipe do SAV – Serviço de Animação Vocacional, compostos por leigos e religiosos e em consequência a Pastoral Vocacional com jovens envolvidos no processo
- No encontro das paróquias deverão participar, ao menos, o coordenador da Equipe de JuventudeS da Província e o Promotor Vocacional

Esse seria o perfil de uma paróquia Josefina- todas elas têm uma significativa ação social com crianças adolescentes e jovens.

O carisma sendo vivido e partilhado com toda a comunidade como família de Murialdo.

V. UMA PARÓQUIA JOSEFINA: ORIENTAÇÕES PASTORAIS

“Um leigo, de qualquer classe social, pode ser hoje um apóstolo não menos que o padre...” (Murialdo)

5.1 Formação

Refletindo sobre a importância da formação o Papa Francisco afirma que não é possível atender ao mandato missionário de Cristo sem passar por um profundo amadurecimento e crescimento da fé. (FRANCISCO, 2014, p. 132) Isso implica em um itinerário catequético que envolva a pessoa por inteiro e responda a todas as etapas do amadurecimento biopsicossocial da mesma e conseqüentemente, permita uma participação eclesial mais profunda, amadurecida e esclarecida. De acordo com o Documento de Aparecida a formação de discípulos missionários deve ser integral, querigmática e permanente e um bom projeto de formação precisa estar atento e responder as dimensões humana comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionaria (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2016, p. 130), devendo ser capaz de preparar o homem para uma atuação que transforme e influencie o mundo.

a) A formação inicial

Para conduzir alguém a um encontro com Jesus Cristo é necessário, antes de tudo, se aproximar da pessoa e o **Processo de Inspiração Catecumenal** cumpre a missão de iniciar os simpatizantes na experiência de Deus e na vida eclesial, fazendo assim nascer o discípulo de Cristo, a partir de uma vasta e rica gama de elementos: projetos de evangelização de toda Igreja, projetos bíblico- vivencial-litúrgicos, numa Igreja querigmática e mistagógica, o favorecimento da cultura do encontro, etc. Entretanto, o processo catecumenal não pode ser um verniz, “um remendo novo em roupa velha” (Mt 9, 16), mas deve passar também por uma cuidadosa preparação dos catequistas, que muitas vezes não passaram pela mesma experiência e precisam compreender o significado mais profundo de todo caminho catecumenal através de cursos e subsídios, mas sobretudo de espaços e momentos de vivência pessoal de todo o processo.

b) A formação permanente

Não menos importantes são as estruturas de formação permanente que darão ao discípulo as condições de ser missionário, por isso é necessário incentivar e investir na formação litúrgica, teológica e pastoral tanto do clero quando dos leigos, sobretudo das lideranças paroquiais a fim de que se tornem multiplicadoras no âmbito comunitário, pois as mudanças que a Igreja espera virão dos leigos e leigas devidamente capacitados. *Investir maciçamente na formação integral do laicato é uma exigência de conversão pastoral. Sem uma estrutura de Formação Inicial e Permanente, as paróquias não cumprirão sua missão evangelizadora. Queremos, portanto que nossas paróquias sejam verdadeiras Casas de Formação Inicial e Permanente:*

a) Que sejam querigmáticas, ou seja, que favoreçam a experiência de Deus como discípulos de Jesus.

b) Que sejam mistagógicas, isto é, que insiram no mistério de amor do Pai e na comunidade eclesial como missionários, sujeitos de mudança, leigos e leigas corresponsáveis do ser e do agir da Igreja, e não colaboradores (cf CNBB Doc 105, n.87).

Só acontece pastoral quando ela é alimentada pela meditação e escuta da Palavra. Muitas vezes, a maior ação evangelizadora de um pároco está em reservar tempo para preparar responsáveis e catequistas empenhados na ação pastoral, animar grupos de espiritualidade e favorecer o aparecimento de ministérios na sua diversidade (cf. EM 67). A formação dos diferentes agentes e animadores nas diversas áreas da pastoral é fundamental para a vitalidade e renovação de qualquer comunidade paroquial.

5.2 Plano pastoral

A comunidade paroquial, promovida nos seus ministérios e carismas, é protagonista na concretização da missão que lhe foi dada por Cristo. Assim, um Plano de Ação Pastoral da Paróquia deve integrar a ação de todos os movimentos e grupos paroquiais, pois a nossa pastoral não se compadece com amadorismos ou improvisos; terá de ser elaborado com a participação e colaboração de todos, a partir do Conselho Pastoral Paroquial, que integra representantes de todos os movimentos e organizações paroquiais, assumindo o pároco o papel de principal animador e responsável da comunidade. Nele devem ser traçadas as principais linhas e orientações da ação pastoral e estabelecidas as iniciativas e atividades correspondentes à respectiva execução. O Plano de Ação Pastoral da Paróquia terá de ser feito em sintonia com o Plano Pastoral da Diocese, com o Projeto da Província e de acordo com este Guia de Pastoral.

Programar implica também avaliar. O Plano de Ação Pastoral da Paróquia deverá ser revisto na altura da programação e calendarização das atividades para o ano pastoral. É necessário certificar-se do grau de fidelidade ao Plano na fase de execução, ao mesmo tempo que se impõe traçar novas linhas, definir novos objetivos, lançar novas atividades. Toda a ação pastoral deve ser avaliada e programada. Em atitude de fidelidade criativa, é desejável que sejam introduzidos elementos novos no sentido de um maior dinamismo das várias ações pastorais.

As instâncias do Conselho Pastoral da Comunidade - CPC, Conselho Pastoral Paroquial - CPP, Conselho de Assuntos Econômicos e Assembleia Pastoral devem ser constituídas em sintonia com as orientações e normas de cada diocese, e respeitadas nas suas atribuições de direito, promovendo a unidade e a comunhão das forças vivas da paróquia.

5.3 Unidade e continuidade nas linhas comuns de ação

As Linhas Comuns de Ação num Projeto Pastoral Paroquial Josefino criam unidade carismática, comunhão, um estilo próprio, definem identidade. Consideram que o povo de Deus é sujeito da evangelização e não colaborador dos projetos do padre. Os párocos devem ser ajudados a acolher e promover essas Linhas Comuns, que também devem ajudar a definir seu Plano Pastoral.

O pároco quando chega em outra paróquia deve sentir-se em casa, numa paróquia Josefina. Precisa receber a informação completa sobre o estado da paróquia, deve consultar o Conselho Pastoral e de Assuntos Econômicos sobre a caminhada da comunidade e precisa respeitá-la. Dar continuidade aos projetos que foram definidos e que carregam a experiência de Deus nos processos realizados nesta comunidade. A compreensão do pároco como servo, animador da unidade, da comunhão, a compreensão da Igreja como povo de Deus e ministerial

ajuda a superar uma possível imagem do pároco como alguém que manda e é proprietário da Igreja. Há de se entender o papel da comunidade e a função do pároco.

A descontinuidade é uma negação da história de fé de uma comunidade eclesial. É traição, infidelidade ao carisma. Projetos pessoais do padre sempre trarão dificuldades na continuidade. Se fogem das Linhas Comuns, quando o pároco é trocado e a comunidade não estiver organizada e não for protagonista, esses planos acabam. Neste sentido, deve-se garantir uma boa Equipe das Paróquias onde párocos e leigos possam juntos refletir, avaliar, propor caminhos e indicações que contribuam para a continuidade de itinerários e processos implantados em sintonia com o espírito deste guia.

5.4 Sentido evangélico, eclesial e missionário das finanças

O dinheiro da Igreja deve voltar à sua função essencial e originária que é a evangelização, e os pobres. Deve destinar-se à promoção de novos projetos missionários, subsidiando pessoas dispostas e capazes, estudos e pesquisas, materiais e equipamentos úteis e necessários na evangelização, mais do que destinar-se a edificações materiais, ainda que também necessárias. A Igreja deveria, pois, considerar-se não proprietária, mas administradora dos bens dos pobres, tesouro da Igreja. No entanto, em muitas paróquias os fiéis ainda ignoram o volume de entradas e sua destinação. Neste sentido, como prevê o Código de Direito Canônico, toda paróquia deve estar dotada de um competente Conselho de Assuntos Econômicos (Cf Can.537), que é obrigatório.

Importante é superar o exagerado movimento de rifas e bingos que prejudica a consciência dizimal. A comunhão responsável deve ser incentivada em detrimento do fomento do prazer e o bem-estar pessoal. Ou ainda, nas prioridades de investimentos quando há um desnível entre investimentos em construções em detrimento aos projetos de evangelização, que muitas vezes ficam por conta do bolso dos agentes pastorais. O Conselho de Assuntos Econômicos, com a pastoral do dízimo, deve garantir toda estrutura necessária para o anúncio do Evangelho. Ainda existem paróquias em que os leigos, se quiserem “fazer seu trabalho”, precisam custear tudo. É bom lembrar que a falta de recursos pode se dar numa ONG, mas não entre pessoas evangelizadas. Cristãos, discípulos não dão apenas 10%, dão tudo. Paróquias com boas estruturas geralmente possuem uma boa organização pastoral e os pobres são aqueles que mais partilham.

Estratégia 1: Podemos pensar numa efetiva comunhão de bens entre as paróquias (pequenas iniciativas na divisão justa dos gastos nos encontros, por exemplo). Que as paróquias do Norte (Fortaleza, Belém, Crato e São Luiz) sejam subsidiadas pelas demais, de modo que o número de participantes de cada paróquia seja equivalente. Em relação às formações em nível de província, precisamos definir também quem paga as contas da assessoria (a Orgmur? As paróquias?).

Estratégia 2: Promover uma paróquia solidária. Que em todas as paróquias fizessem uma ação solidária em favor de uma outra que não tem condições e envolver todas as nossas obras.

5.5 Responsabilidade da Província

1. Formação inicial dos confrades Josefinos:

Prever que dentro do processo de formação inicial, todos os confrades tenham capacitação:

- a) No trabalho com a Juventude.
- b) Habilidade na elaboração do plano pastoral, trabalho em equipe, leitura da realidade.
- c) Habilidade em gestão paroquial.
- d) Vivência pastoral junto às bases, principalmente com os pobres, os amores de Jesus. Os confrades precisam ser formados na missão. Com cheiro de ovelha e poeira, mais do que incenso. Talvez esses assuntos também poderiam ser abordados no magistério

2. Alguns critérios seriam essenciais e prudentes na confiança de uma paróquia a um pároco:

- a) Compromisso e envolvimento com as Linhas Comuns de Ação Pastoral da Província.
- b) Garantia de continuidade nos projetos pastorais que demandaram avaliação, planejamento, formação, investimento humano e financeiro, mobilização de agentes e da comunidade, e que estejam alinhados com o Projeto Pastoral Paroquial Josefino.
- c) Uma avaliação no processo de formação inicial. Alguns confrades ordenados não passaram por uma experiência pastoral nas suas comunidades, nem no seminário, nem na teologia, e depois são enviados para o serviço pastoral. O tempo hoje, exige, o mínimo de rigor. Com as virtudes características de humildade e caridade.
- d) Projeto paroquial de partilha do carisma e de ação social junto às crianças, adolescentes e jovens.

“A gestão da obediência deve contemporizar itinerância e estabilidade, ordinaryidade e emergência” (XXIII CG- n.71).

VI. UM PÁROCO JOSEFINO

*“Cada um encontra na vida religiosa aquilo que com ele
carrega: se leva guerra, encontra guerra; se leva paz,
encontra paz... Se formos dóceis como Jesus, se formos
pacientes como Jesus, os outros também serão bons; se não,
não... (Murialdo, escritos IV, p468)*

6.1 Nas diretrizes da província:

Os desafios do mundo moderno clamam aos presbíteros uma abertura para o “novo” tanto em termos de renovação pessoal quanto de conversão pastoral e transformação missionária. O pároco tem que deixar de ser tudo, para ser só parte, tem que deixar de ser dono, para ser administrador e servidor, tem que deixar de ser onipotente, para dividir as responsabilidades e as decisões com a comunidade e as lideranças” (CNBB, Missão e ministérios dos leigos e leigas, n. 122). Segundo Almeida, a “nova realidade urbana está exigindo dos presbíteros um perfil” (Almeida. Paróquia, comunidades e pastoral urbana, p 219-221):

- a) Um homem de personalidade dinamicamente integrada, capaz de relações pessoais fortes, diálogo, respeito pelo outro, trabalho em equipe (com o bispo, os demais presbíteros, os leigos e as leigas, os cidadãos em geral);
- b) Um discípulo no seguimento de Jesus, Servo e Pastor,
- c) Um ministro de Cristo, da Igreja e do povo, com boa formação bíblica, teológica, espiritual, pastoral e socio analítica,
- d) Um agente qualificado nos diversos campos de sua missão, consciente da necessidade de formação integral permanente.
- e) Sensível aos sinais dos tempos, isto é, aos desafios do contexto social, político, cultural e eclesial, lidos à luz da fé;
- f) Generalista no essencial e especialista em determinada área.
- g) Um pastor aberto ao conjunto da evangelização e da pastoral e à pastoral de conjunto, no horizonte de uma Igreja de participação, corresponsabilidade e missão a serviço do Reino;
- h) Um animador, formador e articulador de pastorais e comunidades diversificadas, com serviços e ministérios vários, engajados, em diálogo com o mundo, no testemunho de Jesus e do seu reino.
- i) O Vigário paroquial Josefino não é colaborador do Pároco. Mas corresponsável. A mão do pároco e do vigário estão inseridas num mesmo corpo. Os dois olham na mesma direção. Qualquer distanciamento enfraquece a força ministerial e não poucas vezes é causa de contratestemunho na comunidade. Essa fraqueza dilui a força missionária, isso precisa ser superado.

6.2 Pelo olhar das Paróquias Josefinas:

- a) Na Espiritualidade: Sacerdote de oração, de espiritualidade concreta, de coração misericordioso, acolhedor e amoroso. Fé e vida andem juntos. Assíduo e fervoroso na fé. Testemunho da fé e difunda a espiritualidade Josefina. Respeito com as diferenças e limitações das pessoas.
- b) Na relação com as pessoas: Comunicativo, misericordioso, amigável, acolhedor, humilde, aberto, disponível, animador e atento as necessidades das pessoas. Respeito com as diferenças e limitações das pessoas. Rosto carismático, feliz, confiante e atualizado.
- c) Na administração paroquial: Seja honesto, competente, íntegro, zeloso. Observar o contrato entre as partes, Diocese e ORGMUR, seguir normas de contabilidade da Diocese. Criar o conselho econômico da paróquia. Acolhedor e alinhado com as dimensões religiosa, social e administrativa. Trabalhar a dimensão o Dízimo. Transparência na administração financeira. Atenção com a secretaria para o bom atendimento a todas as pessoas. Atenção ao serviço voluntário com termo de voluntariado.
- d) Na atendimento à comunidade: Disponibilizar e organizar tempo para atendimento as pessoas. Visite os doentes e os que estão crise em suas casas. Disponibilidade para as confissões. Presença fraterna, aberto, amigo e zeloso.
- e) Na caridade pastoral com os pobres e necessitados: Seja eles ação preferencial da ação pastoral, como foram na vida de Jesus, e como opção do carisma de Murialdo. Incentivar a Pastoral Social na Paróquia. Atento as necessidades das famílias mais necessitadas. Seja pastor indo ao encontro dos mais pobres da comunidade (atento às periferias).
- f) No atendimento às crianças, adolescentes e jovens: Faça o carisma de Murialdo permear as ações, como amigo, irmão e pai, formando bons cidadãos honestos em oratórios e obras sociais. Evangelizar em rede, num projeto solidário com outras paróquias. Incentivo ao voluntariado.
- g) Nas celebrações litúrgicas: Respeito as normas litúrgicas e motive as equipes de liturgia. Preparo e dinamize as liturgias e homilias ligadas ao tempo e realidade das pessoas. Estimule e a espiritualidade da comunidade. Simples na fala e aberto ao novo.
- h) Na relação com os confrades: Respeito, acolhida, relações fraternas, entrosamento, diálogo com a comunidade religiosa. Ser exemplo de fraternidade, de sintonia e troca de experiência.
- i) Na prática da misericórdia: Ser caridoso e que saiba ouvir as lamentações, queixas e misérias das pessoas. Testemunho da misericórdia e do acolhimento.
- j) Nas relações com as pastorais, com o clero: Pessoa disponível, humano e de relações. Mediador, presente, conhecedor da vida das pastorais e movimentos. Obediente às orientações e plano pastoral da diocese. Ter na paróquia um coordenador de pastoral leigo. Trabalho em conjunto com o clero em geral
- k) Quanto à formação pessoal e qualificação: Busque estar atualizado e qualificado teologicamente e pastoral. Incentivar outros a estudarem e se atualizarem. Aprimorar-se no discernimento da Palavra e da escuta responsável.
- l) Na abertura aos sinais dos tempos: Abertura aos novos sinais de evangelização. Pessoa otimista, corajoso e perseverante.

6.3 Orientações para a renovação do Ministério dos Presbíteros

- a) Tornar a ação evangelizadora e pastoral menos dependente dos ministros ordenados, reconhecendo a responsabilidade e corresponsabilidade dos leigos e leigas na vida interna da Igreja e sua autonomia nas realidades terrenas (cf. GS, n.43; AA, n.24), bem como de seus serviços e organizações;
- b) Superar uma pastoral de mera manutenção para uma pastoral decididamente evangelizadora. Superar uma pastoral de eventos e assumir os processos de evangelização. Cristãos evangelizados sustentam com alegria todos os projetos de evangelização.
- c) Entregar a leigos e leigas inúmeras tarefas burocráticas e administrativas que, hoje ainda, absorvem desnecessariamente, grandíssima parte do tempo e das energias dos presbíteros
- d) Recuperar a vivência colegial do ministério ordenado (DGAP, n. 276).
- e) Direcionar o ministério presbiteral propriamente à formação de uma comunidade eclesial adulta, responsável, atuante, o que exige, de um lado, o acolhimento das pessoas, a valorização dos carismas, a abertura a novos ministérios. (DGAP, n. 277).
- f) Dar prioridade ao essencial (Iniciação Cristã, Liturgia, Comissões, formação, espiritualidade, dízimo e chamar a todos para esse compromisso).

VII. LINHAS COMUNS DE AÇÃO – Diretrizes da CNBB 2019-2021 – Brasília 2019

A se assumir a partir da Assembleia em Brasília.

Equipe das Paróquias Josefinas, 2019